

Moedas no cofre

Como tema transversal na BNCC, a educação financeira fará parte de todos os currículos do país; com formação adequada, jovens podem se tornar adultos mais responsáveis no controle do orçamento doméstico

A partir de 2020, escolas de todo o país terão de tratar de educação financeira na educação infantil e no ensino fundamental. Apesar deste conteúdo já existir há algumas décadas - desde 2010, com o Enef (Estratégia Nacional de Educação Financeira), definido pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 7.397 -, foi em 2018 que o MEC (Ministério da Educação) homologou a nova BNCC (Base Curricular Comum Nacional), em que determina dez competências a serem desenvolvidas nos alunos da Educação Básica. O conteúdo deve ser conduzido de forma transversal na escola, ou seja, envolvendo outras disciplinas para além da matemática.

A estratégia foi criada para promover a educação financeira e previdenciária em razão dos impulsos às políticas de inclusão social no país. Os resultados desses esforços estão aparecendo: segundo a AEF (Associação de Educação Financeira

no Brasil), iniciativas de educação financeira aumentaram 72% em cinco anos.

A 6ª Semana Nacional de Educação Financeira, que ocorreu em maio deste ano registrou 14.835 iniciativas no país contra as 7 mil iniciativas registradas em 2018. Ou seja, houve um aumento de mais de 100%. O público do evento foi de 70,7 milhões de pessoas, 17 vezes maior do que o ano anterior. E, vale lembrar, há cinco anos, na primeira edição da semana, eram apenas 170 iniciativas.

“A adoção da educação financeira nas instituições de ensino é uma alternativa para a resolução de problemas reais, como o consumismo desenfreado (de forma não consciente) e o alto nível de endividamento da população, uma vez que atinge diretamente professores e alunos e, indiretamente, pais, responsáveis e a comunidade ao entorno”, afirmou Claudia Forte, superintendente da AEF-Brasil. Ainda segundo ela, o tema

ganhou espaço nos últimos anos, não só pelas discussões da BNCC, mas também pela crise econômica do país.

“A educação financeira prepara as novas gerações para a administração equilibrada de suas finanças e os tornam jovens mais conscientes para planejar suas vidas, realizarem seus sonhos, resistirem às pressões do consumismo, cuidarem do planeta e influenciarem positivamente suas famílias e a sociedade. Ou seja, esse é um caminho para construir uma nação próspera, em que as pessoas não precisem encarar a situação que temos hoje, com mais de 60 milhões de endividados”, continuou Claudia.

Relatório da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), de 2015, revelou que mais da metade dos jovens brasileiros de 15 anos não tem conhecimentos básicos sobre como lidar com dinheiro cotidianamente. Mas, entre os 77 países no mundo

